

OS VALORES INTANGÍVEIS DAS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS

Em diversas ocasiões temos editorializado a respeito das virtudes e defeitos do ‘fator impacto’ (FI) e sua utilização, em particular nos chamados países em vias de desenvolvimento, destacando as consequências para as revistas científicas publicadas nestes últimos.

O FI, idealizado por Eugene Garfield nos anos 50 e calculado desde seu início pelo *Institute for Scientific Information*, mais recentemente em mãos da empresa editorial Thomson Reuters, tem desempenhado um papel central na avaliação de revistas, instituições e trabalhos científicos naqueles países e publicações que formam parte da chamada ‘corrente principal’ da ciência. Originalmente o FI foi concebido como uma ajuda (ou para influir nas aquisições) às bibliotecas a respeito das revistas às quais subscrever, mas com o tempo passou a ser usado como uma medida da qualidade da produção científica de instituições e investigadores.

Para as instituições e a comunidade científica dos países da periferia, ou ‘em desenvolvimento’, o FI tem servido de guia para medir sua qualidade e para emular os centros do saber em uma positiva busca por superação. No entanto, também tem sido fonte de frustração ao enfrentar características culturais adversas como são a diferença de línguas e o abandono de esforços editoriais importantes em idiomas autóctones diferentes ao inglês, a preferência por parte dos investigadores ao citar trabalhos, incluindo os seus próprios, publicados em revistas de corrente principal, e também a falta de revistas de qualidade.

Este mês de maio de 2013, a esperada ‘surpresa’ tem tido lugar. Tem sido divulgado o pronunciamento denominado “Declaração sobre a Avaliação da Investigação” produzido na reunião da Sociedade Americana de Biologia Celular, em San Francisco, em dezembro passado, e já endossado por vários milhares de científicos e editores, e mais de duzentas

sociedades científicas. Dito pronunciamento, tem sido batizado como ‘DORA’, pelas siglas em inglês de “*Declaration on Research Assessment*”.

Em DORA, um importante grupo de investigadores da ‘corrente principal’ da ciência chama a atenção à necessidade urgente de melhorar a maneira de avaliar a produção científica por parte das instituições acadêmicas, agências financiadoras e outros, ao tempo que aponta fatos incontroversos que ilustram o mal e inconveniente uso dado ao FI. Seu emprego frequente como parâmetro principal para medir e comparar indivíduos e instituições resulta inadequado em vista das numerosas deficiências apontadas. Acima de tudo, é necessário avaliar a investigação em função de seus próprios méritos, e não daqueles da revista onde se publica. O documento inclui recomendações concretas para as agências financiadoras, instituições acadêmicas, editores, supridores de índices e sistemas de medição, e também para os investigadores.

Para as comunidades científicas, instituições e revistas em países em desenvolvimento, a consideração de valores intangíveis, ignorados pelo FI, deveriam ter grande significado. A adequada valorização dos esforços de investigação científica não pode restringir-se à consideração de uma medição de impacto, qualquer que esta seja. Deve considerar, entre outros vários fatores, a originalidade da investigação, o contexto no qual se realiza a investigação, as limitações idiomáticas, seu papel na formação de futuras gerações de científicos, a repercussão social da atividade...

Com certeza valerá a pena o trabalho adicional que tudo isto representa para os comitês encarregados da admissão, avaliação e promoção dos investigadores, para quem tomam decisões sobre a pertinência da investigação e do volume dos financiamentos a outorgar, e para os que classificam e avaliam as publicações. Disto precisamos todos.

MIGUEL LAUFER
Diretor